

Desafios de vivenciar o Ramadan na comunidade Luz da Fé em Campo Grande

Diógenes Braga Ramos¹
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: este artigo busca analisar como os muçulmanos participantes da mesquita Luz da Fé em Campo Grande no estado do Mato Grosso do Sul vivenciaram e experienciaram o jejum do Ramadan no ano de 2020 em meio a pandemia de Covid 19 que assolava o Brasil. Para isso, foram feitas observações participantes em campo e conversas com interlocutores buscando adequações para evitar o contato com as pessoas. Metodologicamente e teoricamente se buscou traçar os caminhos relativos ao entendimento do rito a partir da Antropologia que foi um elemento norteador para entender a normativa da prática do Ramadan como um dos pilares da fé do Islã verificando assim como a sua prática tem influências a partir das diversidades culturais.

Palavras-chave: muçulmanos; Ramadan; rito.

¹ Possui graduação em Teologia pelo Centro Universitário Filadélfia (2006), graduação em Teologia pelo Seminário Teológico Rev. Antonio de Godoy Sobrinho (2001) e licenciatura em Sociologia (2020). Mestre em Teologia (IEPG Faculdades EST, 2005) e mestre em Antropologia Social (UFMS, 2021).

Challenges of experiencing Ramadan in the Luz da Fé community in Campo Grande

Abstract: This article seeks to analyze how Muslims participating in the Luz da Fé mosque in Campo Grande in the state of Mato Grosso do Sul experienced the Ramadan fasting in 2020 amid the Covid 19 pandemic that devastated Brazil. For this, participant observations were made in the field and conversations with interlocutors seeking adjustments to avoid contact with people. Methodologically and theoretically, we sought to trace the paths relating to the understanding of the rite from Anthropology which was a guiding element to understand the normative of the practice of Ramadan as one of the pillars of the faith of Islam, verifying how its practice has influences from the diversities cultural.

Keywords: muslims; Ramadan; rite.

Desafíos de vivir el Ramadán en la comunidad Luz da Fé, en Campo Grande

Resumen: este artículo pretende analizar cómo los musulmanes que participan en la mezquita Luz da Fé, en Campo Grande, en el estado de Mato Grosso do Sul, vivieron y experimentaron el ayuno del Ramadán en 2020, en medio de la pandemia de Covid 19 que asoló Brasil. Para ello, se realizaron observaciones participantes sobre el terreno y conversaciones con interlocutores que buscaban ajustes para evitar el contacto con la gente. Metodológica y teóricamente, se buscó trazar los caminos relacionados con la comprensión del rito a partir de la Antropología, que fue un elemento orientador para entender la práctica normativa del Ramadán como uno de los pilares de la fe del islam, verificando así cómo su práctica tiene influencias de las diversidades culturales.

Palabras clave: musulmanes; Ramadán; rito.

Este artigo é fruto da pesquisa realizada junto a mesquita Luz da Fé em Campo Grande (MS), durante o ano de 2020, período do Ramadan do referido ano. A pesquisa buscou compreender como a comunidade a partir da observação participante na mesquita, experienciaram a participação e vivência do rito do Ramadan. Buscou-se, além da vivência no campo e de diálogos desenvolvidos com a comunidade e alguns interlocutores, identificar o que significava o Ramadan para os islâmicos que vivem em Campo Grande, sendo que esse período do Ramadan se constitui como um dos pilares da fé islâmica.

É importante ressaltar que esse artigo, tem como fundamentação estrutural, teórica e metodológica, visando relatar os dados etnográficos, em forma de um relato, dialogando com alguns teóricos, contudo, a base principal é avaliar a vivência das pessoas da mesquita descrita, diante do rito do Ramadan. Não se buscou fazer uma construção comparativa, e sim focar na mesquita em questão, sendo que, temos variações de experiência e vivência relativa ao Ramadan, no arcabouço religioso do próprio Islã, pois existem formas hermenêuticas diversas no construto muçulmano.

Destaco que por conta da pandemia de Covid 19, algumas adaptações foram realizadas na pesquisa. Desta forma destacamos que o Ramadan especificamente no ano de 2021, que foi o foco da pesquisa, se restringiu mais especificamente às famílias em si, e não se pôde ampliar o convívio entre a comunidade islâmica. Desta maneira meu trabalho de campo que iria iniciar com minha participação mais efetiva, principalmente antes do Ramadan, foi comprometido nesse momento, pois o meu objetivo era observar especificamente como os muçulmanos da mesquita vivenciavam essa prática na cidade de Campo Grande.

A preocupação era a de participar efetivamente do Ramadan que iniciaria entre os dias 23 de abril e 23 de maio no de 2020, que é definido a partir do calendário islâmico, ocorrendo sempre no nono mês e desta forma vai variando as datas em nosso calendário ocidental. Diante desses desafios busquei outros meios de encontrar os membros da mesquita de Campo Grande através dos canais de mídia social. Como já conhecia a mesquita e tinha participado do *salat* (orações de sextas-feiras) e tido contato com o Sheik e solicitado sua permissão para a pesquisa, se buscou a aproximação aos membros da mesquita.

A partir dos novos desafios, encontrei o João², membro da mesquita há oito anos, que não é de tradição islâmica, não é de países muçulmanos e não tem família muçulmana. O João foi de suma importância para minha pesquisa, pois pudemos conversar pelo WhatsApp sempre que necessário e, assim, pude entender melhor a dinâmica da vida muçulmana e da mesquita, com Walid, que se tornou o interlocutor que me auxiliou na pesquisa junto a mesquita desde o começo,

² João é um nome fictício de um dos interlocutores que me auxiliou na construção da pesquisa. O nome dos interlocutores, ao longo do texto serão descritos, através de nomes fictícios. Para que se mantenha a privacidade e anonimato dos interlocutores na pesquisa.

sendo que o mesmo tem um papel preponderante na liderança da mesquita. Isso se estabeleceu, através da pesquisa, pois, Walid tem uma relação com a direção da mesquita, e é de origem familiar muçulmana e desta forma tem outros pontos de vista em relação aos apresentados por João.

Além de João, tive acesso a um dos fundadores da mesquita, que chamarei de Abu Kalil. Essa pessoa me permitiu ter acesso a informações históricas acerca da constituição da mesquita e da comunidade de forma geral, nosso diálogo se estabeleceu de forma contínua por *WhatsApp*, inclusive me instrumentalizou, com relação aos preceitos de fé da tradição muçulmana, e como construiu e vivencia sua fé, e como se comporta diante das obrigações religiosas, principalmente acerca do Ramadan³.

Esses interlocutores e a bibliografia acerca da teoria antropológica e da antropologia da religião auxiliaram para percorrer os desafios acerca do Ramadan a partir da mesquita, Luz da Fé em Campo Grande conforme os dados que seguem.

Percepções com relação ao Ramadan

A premissa do Ramadan se dá a partir da restrição alimentar durante 40 dias, ou seja, um jejum obrigatório para os muçulmanos durante o dia. O jejum diário inicia antes da alvorada despontar e acaba logo depois do pôr do sol. As comunidades muçulmanas se organizam e divulgam os calendários locais com os dias de início e término do Ramadan, indicando os horários, mas se isso não for possível é indicado que se olhe o relógio e as posições do Sol e se acompanhe os boletins meteorológicos que indicam detalhes dos horários e previsões necessárias.

O jejum de Ramadan é obrigatório para todos os muçulmanos com algumas exceções: crianças na puberdade; pessoas que não são responsáveis por seus atos; idosos com debilidade de saúde; doentes de forma geral que por conta do jejum possam complicar seu estado de saúde; muçulmanos que estão viajando e estão distantes de sua residência, podendo recuperar posteriormente o jejum, um dia para cada dia que não realizou o jejum; mulheres grávidas ou que amamentam e não podem realizar o jejum por algum motivo que prejudique a saúde da mãe ou da criança; mulheres no período da menstruação.

Sem essa mobilização da memória que é a transmissão já não há nem socialização nem educação, e, ao mesmo tempo, se admitimos, como diz E. Leach, que a cultura é “uma tradição transmissível de comportamentos aprendidos”, toda identidade cultural se torna impossível. Se o homem não é um “homem nu”, mas um ser social [...] A partir dessa aprendizagem – adaptação do presente ao futuro organizada a partir de uma re-iteração do passado -, esse homem vai construir sua identidade, em particular em sua dimensão protomemorial. Em um mesmo grupo, essa transmissão repetida várias vezes em direção a um grande número de indivíduos estará no princípio da reprodução de uma dada sociedade. (CANDAUI, 2018: 105-6)

Algumas questões são importantes na questão do jejum, que podem fazer com que o mesmo possa ser cancelado, pois é uma obrigação e obediência a Deus. Então, se o jejum do Ramadan se anula, quando o muçulmano comer, beber ou fumar de propósito, se tiver algum contato íntimo e se beber ou comer durante o alvorecer e o pôr do sol durante o período do jejum. Se isso acontecer o não praticante do jejum terá que realizar o jejum durante sessenta dias seguidos.

³ Tanto João quanto Abu Kalil não estavam indo nas reuniões religiosas de sexta-feira que estavam acontecendo na mesquita, pois não se sentiam estavam se resguardando em relação ao Covid-19. No período que antecedeu o Ramadan, a mesquita tinha reiniciado suas atividades parcialmente.

Já se o jejum do Ramadan for interrompido de forma involuntária, o mesmo não fica anulado, permanecendo assim válido, com a condição de que o praticante perceba que cometeu o ato e volte a praticar o jejum deixando de fazer o que pode descredenciar o seu ato de jejum. De forma geral as pessoas que não praticam o jejum do Ramadan por estarem viajando, por problema de saúde e pela própria consciência, como salientou o interlocutor João, que chama atenção, de que não faria o jejum nesse momento de pandemia e que tinha pago para pessoas carentes alimento para compensar em não ter realizado o jejum.

Contudo, no livro de orientação aos neófitos da fé muçulmana, com relação a possibilidade de se abster com relação ao jejum no Ramadan, é de que se deve oferecer, “pelo menos, uma refeição média completa ou o valor equivalente por pessoa por dia, a um muçulmano pobre. Esta compensação mostra que se puderem jejuar, mesmo que seja só um dia do mês, eles deverão fazê-lo e compensar o resto” (ABDALATI, 2008: 130). E no caso de não realizar o jejum de propósito, como mencionei anteriormente, deve jejuar durante sessenta dias seguidos, “ou, como segunda alternativa, dar de comer suficiente a sessenta pobres” (*idem*, 2008: 131).

É importante destacar que o Ramadan é uma experiência religiosa em que as pessoas experimentam aquele momento de forma única e isso eu pude constatar, conversando com as pessoas e também participando das celebrações na mesquita, de como cada pessoa lidava com o ato do Ramadan, através de suas palavras, ações e atitudes. Desta forma;

Em essência o que define a experiência religiosa é o tipo de explicação aplicada à experiência e não o conteúdo da própria experiência (PROUDFOOT, 1985). Aqui a importância das forças sociais é evidente na criação de significado e na determinação do tipo de explicação que uma pessoa selecionará. (BAKER, 2009: 41)

Como diz João: “No Ramadan sentimos a unidade entre as pessoas quando estamos rezando na mesquita e fazendo as celebrações, naquele momento todos somos iguais”. João foi um interlocutor que consegui me aproximar através das mídias sociais e que começou a conversar comigo por *Whatsapp* sendo muito receptivo e que me auxiliou em demasia no processo da pesquisa, pois sempre respondia minhas dúvidas e inquietações sobre os desafios em se praticar o jejum e fazer as preces no período do Ramadan.

Para entender o significado do Ramadan é preciso entender que esse rito compõe um dos pilares do Islã, sendo assim, um eixo norteador para identidade de fé das pessoas da mesquita. Desta forma o Ramadan tem uma “perspectiva sociológica, como uma complexa e vigorosa organização da religiosidade, de uma disciplina de massa à qual o indivíduo crente se submete de bom grado, na convicção de cumprir os deveres sagrados prescritos para agradar a Deus” (PACE, 2005: 119).

A comunicação no rito do Ramadan acontece pelas palavras com os sermões que são pregados nas sextas-feiras, com as orações e as formas que devem ser seguidas, com a purificação, com a alimentação no período do Ramadan, através do jejum diário realizado nesse período. Essas práticas e ritos são as formas de rigidez, fusão e repetição que leva o muçulmano a ter sua relação com Allah, como salienta Walid de que o momento do Ramadan deve ser seguido com todos os ritos.

Mas é importante ter em mente que, mesmo diante da rigidez e das estruturas fixas, os ritos podem ser modificados e, em alguns casos, podem ser seguidos conforme o fiel o entende e o adapta como é o caso em que João, na sua vivência no

período do Ramadan. Para João o Ramadan nesse período de pandemia, deve ser estabelecido por sua própria consciência, com relação as suas obrigações com relação ao rito (atos e preceitos relativos ao Ramadan). Para ele o importante, com relação a sua obrigatoriedade nesse período é com Allah e que ele, tem que se acertar com o sagrado com respeito a forma que praticaria o Ramadan. Diante disso, verificamos conforme Eller (2018: 179) que “até os rituais religiosos podem permitir algum desvio, invenção ou interpretação”.

Quando se pensa em não lugares, proposto por AUGÉ, no seu livro; *El antropolgo y el mundo global*. (2014), o autor ao caracterizar a supermodernidade me faz pensar, a partir dessa expressão a questão do Ramadan, pois mesmo neste período, em que os ‘não lugares’ levam a individualização e a solidão, o rito do Ramadan de alguma forma vai de encontro ao que Augé chama atenção acerca da questão da identidade dos indivíduos frente a algumas situações. Assim, o Ramadan não tem um espaço para ser executado por conta da sua dimensão diante da supermodernidade, mas por outro lado existe o desafio da identidade que o rito provoca entre os muçulmanos, que transcende os espaços e lugares.

Enquanto a identidade de uns e outros é que construía o “lugar antropológico”, por meio das conviências da linguagem, dos sinais da paisagem, das regras não formuladas do bem-viver, é o não lugar que cria a identidade partilhada dos passageiros, da clientela ou dos motoristas “domingueiros”. (AUGÉ, 2012: 93)

E isso que encontramos no rito do Ramadan, essa individualização que estabelece uma identidade, mas que não está presa a dogmas estigmatizados e, assim, pode estar no não lugar, ou seja, pode tomar formas diversas e ter maneiras de ser interpretado e ser praticado, pois tem em sua essência a característica da individualização, mas também das estruturas de não pertencimentos, mesmo diante da dogmatização e da rigidez religiosa imposta pelo Islã.

Os elementos disciplinares do sistema religioso, neste caso as doutrinas e os rituais que caracterizam as diversas vertentes do Islã e os discursos que circulam através de diversos meios de comunicação (textos, sermões, vídeos, etc.), são diferentemente apropriados e incorporados no contexto das relações de poder de cada comunidade. No entanto, a sua circulação permite a criação de canais de comunicação ritual e doutrinária, assim como formas de imaginação religiosa que conectam as diversas comunidades muçulmanas no Brasil com versões objetivadas e globalizadas do Islã. (PINTO, 2005: 248)

Queremos dizer que mesmo que cada um faça suas adaptações na prática do jejum no Ramadan, o que se percebe é que os membros da mesquita não perdem de vista a unidade e a quebra de paradigma social que o rito deve construir na vida cotidiana de cada pessoa, no entendimento da unidade na mesquita.

O Ramadan e suas interfaces

Minha inserção no campo de pesquisa foi se estabelecendo aos poucos, tendo início por volta de janeiro de 2019, contudo apenas no início do ano de 2020 que comecei a ter maior envolvimento na mesquita e participar efetivamente das atividades na mesquita em Campo Grande e a partir desse momento, com o Ramadan, período que efetivamente a experiência de campo se tornou efetiva, e neste momento começaram a surgirem as primeiras notícias relativas ao Covid-19, com os primeiros casos de pessoas infectadas Corona vírus no Brasil. Me fazendo com

isso, ter que elaborar uma nova perspectiva de aproximação ao campo de pesquisa, haja visto, que os templos religiosos, começaram a ser fechados, e as pessoas começaram a evitar lugares em que se tinha aglomeração de pessoas.

Mas, antes de que essa nova abordagem da pesquisa tivesse que ser adotada, por conta do da Covid-19, tive a oportunidade de ter contato, com João, que fez algumas observações, sobre o jejum, neste período de isolamento que as pessoas estavam tendo que praticar, ressaltando, que: “não vou jejuar nesse momento e me expor a ter minha imunidade afetada e ficar com probabilidade de contrair Covid-19, e também não vou na mesquita nesse período”. Desta forma não quis praticar o jejum, contudo, entendia que no Ramadan as pessoas deveriam se aproximar de pessoas diferentes de independentemente da religião do outro, da sexualidade ou da cor da pele.

Já Walid não hesitou em suas palavras; “tenho ido à mesquita e praticado o Ramadan fazendo jejum e estarei na festa do Eid com a comunidade na quebra do jejum”.

Diante das falas dos interlocutores, é importante verificar que o Islã não pode ser entendido e compreendido de forma generalizada, a ponto de colocar todos os grupos de muçulmanos e suas atitudes dentro de um mesmo contexto, pois algumas situações e práticas religiosas são de grupos muito pequenos que não representam a maioria da fé muçulmana e suas atitudes. Contudo, não podemos negar que:

A especialização institucional da religião – que inclui transmissão padronizada do modelo “oficial”, um cânone doutrinal e controles contra desvios – reforça decisivamente a estabilidade interna de seu cosmos sagrado. A consolidação de crenças e ritos religiosos no interior de um modelo “oficial”, bem como o suporte institucional desse modelo, conferem alto grau de objetividade e continuidade a temas que tem um significado “supremo” para todos. Além disso, a estabilidade do cosmos sagrado é um dos interesses mais valorizados pelo influente corpo de peritos religiosos. (LUCKMANN, 2014: 103-4)

João, na sua simplicidade teológica, me disse: “eu interpreto a prática do Ramadan a partir do que me ensinaram e tenho que prestar contas apenas para Allah”. A partir dessa observação de João, me chama atenção como Asad orienta sobre a postura do antropólogo diante do Islã.

Qualquer pessoa que pesquise com a antropologia do Islã sabe que há uma diversidade considerável nas crenças e práticas dos muçulmanos. O primeiro problema é, portanto, organizar essa diversidade em termos de um conceito adequado. A representação familiar do Islã essencial como a fusão da religião com o poder não é uma delas. Mas também não é a visão nominalista de que diferentes instâncias do que é chamado de Islã são essencialmente únicas e sui generis. (ASAD, 1986: 5, tradução, grifo nosso)

Destaco essa questão das particularidades do Islã pois, conforme minhas conversas com João, ele me chamou atenção de que além de não estar indo na mesquita nesse período de pandemia e de haver muitos casos em Campo Grande, também me disse que neste ano não havia feito o Ramadan.

Fiquei surpreso pois, assim, como o Ramadan e outras obrigações religiosas os muçulmanos eram extremamente retos no cumprimento do que é determinado e verifiquei isso conversando com alguns Sheiks ou vendo filmes que descrevem a vida dos muçulmanos, mas nunca tinha tido a oportunidade de constatar que essas regras religiosas pudessem ter outra abordagem, isso só foi possível com a oportunidade feita através dos diálogos com alguns muçulmanos sobre as suas práticas religiosas.

Contudo, João, ao contar sua experiência diante do jejum destacou que a sua relação com Allah é particular (sempre João destacava isso em nossas conversas) e que ele deve prestar contas apenas a Allah e assim, entende a necessidade do Ramadan, e desta forma destaca que quando não se pratica o jejum de forma efetiva, existe uma forma de compensação para que não fique em débito com o sagrado. Para ele quando a pessoa que não possa participar do Ramadan, conforme orientações que recebeu na mesquita e de seus líderes religiosos, podem escolher uma pessoa carente que não tem condições de se alimentar e pagar a essa pessoa ou a outras que passam por essa situação alimentação, como forma de compensação por conta de não ter feito o Ramadan.

No texto de catecismo conhecido como Manual para o Novo Muçulmano, observamos o seguinte destaque;

Jejuar é obrigatório para todos os muçulmanos adolescentes, adultos e saudáveis e que não se encontrem em viagem. [...] Não é necessário que uma pessoa que se encontra viajando ou esteja doente jejue. [...] Entretanto, se não jejuar, deve compensar o jejum perdido posteriormente. Da mesma forma a mulher em seu ciclo menstrual ou sangramento pós-parto não deve jejuar, pagando os dias perdidos posteriormente. (ZARBOSO, 2011: 197-8)

Como se verifica o texto não especifica o tipo de forma para a compensação por falta de participar do jejum. O interessante neste aspecto é o relato tanto do João, do Walid como de Abu Kalil que o mais importante é que tudo que se faça seja para Allah e suas contas são acertadas com o sagrado, ou seja, as negociações para a substituição podem ser feitas por compensações.

Essas observações podem ser refletidas a partir da análise de Luckmann acerca das estruturas religiosas.

Quanto mais claramente o cosmos sagrado estiver formulado no interior de uma visão de mundo, mais provável será que as representações religiosas internalizadas venham a formar um estrato “religioso” relativamente diferenciado na consciência dos indivíduos socializados nessa visão de mundo. Isso implica que – mantidas as mesmas condições – tais indivíduos tenderão a ser capazes de formular assuntos de “suprema” importância, para si e para os outros.[...] Se um cosmos sagrado for internalizado como uma clara camada “religiosa” da consciência individual, pode-se então falar de uma forma de religiosidade individual mais específica do que a identidade pessoal como tal. (LUCKMANN, 2014: 93-4)

Importante observar em Luckmann que mesmo que o Ramadan tenha uma linguagem coletiva que se expressará no rito na comunidade, a individualização é o fator que formata a consciência dos membros do Islã pelo menos nas conversas que tive com meus interlocutores. Abu Kalil⁴ reforça em sua fala: “é um momento de reflexão em que entendemos que somos parte do todo”.

Mesmo que o controle religioso se expresse pelos ritos estabelecidos no Islã as formas de interpretação e subjetividade são individuais e podem ser ressignificadas de várias formas e maneiras.

A partir das descrições etnográficas feitas na pesquisa se verifica que a problemática do Ramadan na comunidade muçulmana de Campo Grande tem um viés que não coaduna com as bibliografias pesquisadas acerca do Ramadan, como Francirosy Campos (2006) e Zahara Alghafli (2019, *et al.*) e os textos teológicos descritos do Islã.

As autoras em artigos sobre o Ramadan, indicam que a direção que o Ramadan é de um período de comunhão em todos os sentidos, entretanto, o que se

⁴ Membro da mesquita e um dos fundadores da mesma, tendo sido da liderança da Associação Beneficente Luz da Fé por muitos anos. Sua família também é da composição fundadora da Mesquita.

percebe na mesquita em Campo Grande, é uma situação atípica conforme descrito pelas autoras, de que no Ramadan um dos elementos norteadores é a relação entre as pessoas, que se reúnem e se confraternizam nesse período, tanto na mesa como nas orações. Assim, a relação de comunhão e solidariedade, na mesquita de Campo Grande, se estrutura a partir de sujeitos liminares, como aponta Turner (1974). O rito do Ramadan, mesmo sendo estruturadas na mesquita como um elemento social, não determina uma relação de unidade e conseqüentemente, não determina construção de poder, que no período do Ramadan se agrupam apenas em pequenos grupos ou entre familiares, rompendo com dramas sociais entre os sujeitos na comunidade religiosa.

Destaco que conforme conversa com os interlocutores que são membros da mesquita, se identificou que a formação de *communitas* entre os membros da mesquita, não geram liminaridade, na busca de poder ao menos de forma aparente, mas parece que é uma característica da própria mesquita a formação de pequenos grupos e não uma relação interativa mais geral na comunidade, não sendo um elemento que aconteceu apenas, pela situação causada pela Covid-19, mas de que o Ramadan na comunidade muçulmana em Campo Grande, a comunhão e a partilha que o Ramadan propõe, possuem características próprias estabelecidas entre os grupos liminares que se formam na comunidade religiosa.

Entretanto, suas características práticas observadas e descritas pelos interlocutores é de que existe uma individualização na prática dos ritos do Ramadan na mesquita em Campo Grande. Pois, a relação de unidade e de prática do rito do Ramadan tem flexibilidades e diferenciações em relação ao narrado sobre o rito e sua prática em outras mesquitas pelo Brasil, conforme a literatura pesquisada.

Conforme a descrição de João:

Percebo que aqui na mesquita tem um grupo que se reúne e fica conversando no fim dos encontros de sexta-feira, mas, a maioria das pessoas vai embora não fica ali conversando. Eu sou um desses que vai embora não gosto de ficar fofocando e participando de grupos. E no Ramadan também não participo de encontros com outras famílias, fico mais concentrado na minha fé individual, e também não tem muito de fazer orações na mesquita e todos juntos, todos os dias. Sei da importância do Ramadan e entendo que no espaço do culto somos todos iguais e é isso que respeito. Mas por exemplo já tive em Mesquitas que as pessoas têm mais eventos sociais e ficam mais na mesquita nas festividades.

Essa questão das particularidades da mesquita de Campo Grande pode ser constatada, quando participei da quebra do jejum na mesquita, pois nesse momento que é ímpar para a comunidade na questão da comunhão, não fui convidado para participar de um *iftar*⁵ ou da reza do *Tarawih*⁶, e também as pessoas que se tornaram meus interlocutores não comentaram que participariam de atividades em grupo neste período. Faço essa observação pois, segundo Francirosy Ferreira (2020: 5), o Ramadan tem algumas práticas específicas.

Os que não podem jejuar por algum problema saúde, alimentam a um necessitado durante o mês. Oferecer um *iftar* é uma dádiva e alegria para os donos da casa. A caridade é praticada o mês todo (*sadaqa*). Outro momento de encontro é a reza em congregação, por exemplo, rezar o *Tarawih* (oração realizada por sunitas como mais uma forma de adoração) após a última oração da noite (*salat Isha*). Na madrugada acordam para o *sohur* que consiste em uma alimentação leve, como ingestão de água, antes da primeira oração do dia – *fajr*. Nas últimas dez noites do mês muitos muçulmanos permanecem nas mesquitas em adoração a Deus. Nas noites ímpares as mesquitas estão lotadas,

⁵ *Iftar* é a refeição que os muçulmanos realizam a noite e que simbolizam a quebra do jejum no mês do Ramadan. Geralmente é um hábito que se faz em grupo de pessoas que quebram o jejum juntos

⁶ *Tarawid* ou *Taraweed*, que em árabe significa, oração do descanso. Essa oração é feita no período do Ramadan pelos muçulmanos.

porque em uma delas foi revelado o Alcorão e os muçulmanos acreditam que tudo que se pede na Noite do Decreto/Destino (Qadr) Deus atenderá, é uma noite que vale mais que mil noites.

Destaco que, mesmo em momentos normais da vivência na mesquita, ou seja, se não estivéssemos vivendo o período de pandemia de Covid-19, a relação de estabelecimento e prática do Ramadan seria estruturada de forma individualizada, porém, o que dá sustentabilidade de manutenção da fé dos agentes e da própria subsistência da mesquita é a relação em que o rito do Ramadan se estrutura em Campo Grande, a partir da:

TRADIÇÃO ← → HERANÇA ← → MEMÓRIA HERDADA.

A memória herdada se estabelece na participação dos eventos na mesquita das conversas com os agentes religiosos muçulmanos daquele espaço, que os símbolos que são ali representados estão ligados a perspectiva do ato do rito na sua ação, fazendo com que a tradição, se torne uma herança de uma memória herdada que é ensinada, levando-se em consideração que essa relação tem também um papel individual. Nas palavras de Abu Kalil, entendemos como se organiza e se aplica a questão do rito do Ramadan a partir do supracitado, relativo a Tradição, a Herança e a Memória Herdada.

Minha família é uma das fundadoras da Mesquita em Campo Grande e nossa relação de fé se estabeleceu a partir da nossa tradição de fé, configurada por nossa Memória Herdada, que foi configurada quando juntamos os muçulmanos que moravam em Campo Grande para criar o primeiro grupo que posteriormente fundaria a Mesquita. Por isso, mesmo que eu não vá na celebração do Ramadan esse ano na Mesquita sei do meu compromisso de caridade e solidariedade.

O rito do Ramadan se organiza na perspectiva da tríade; Tradição, Herança e Memória Herdada, que é forjada pela memória que é construída na vida prática dos agentes participantes da mesquita, salientando que a dimensão do rito do Ramadan possui relação de tempo e espaço formando assim suas formas de ritualidade. A prática do rito do Ramadan, a partir do jejum e das regras institucionalizadas estão evidentes. Porém os desdobramentos da incorporação individual, ou da construção da memória dos muçulmanos que estão na mesquita em Campo Grande.

A produção das subjetividades religiosas das formas de religiosidade a elas associadas não se baseia apenas na transmissão de doutrinas, mas também passa pela produção de experiências religiosas induzidas pelo engajamento dos agentes nas performances rituais e nas práticas disciplinares. Essas experiências são ao mesmo tempo o produto da socialização dos agentes no sistema religioso e o mecanismo por meio do qual esse sistema é incorporado como base do seu self religioso e moral. Assim, pode-se dizer que os muçulmanos no Brasil apresentam múltiplas formas de identidade e religiosidade, que os conectam tanto com condições transnacionais do Islã quanto com as configurações locais do campo religioso em que se inserem. (PINTO, 2012: 354)

O que se nota sobre a discussão relativa ao rito do Ramadan na mesquita em Campo Grande perpassa a identidade e a pertença da comunidade religiosa dos seus agentes religiosos, não um desvio de conduta, mas uma forma de lidar e vivenciar o rito do Ramadan tanto culturalmente, socialmente como em tempos de pandemia. Ou seja, mesmo com toda rigorosidade dos pilares do Islã, mesmo com a disciplina e a moral instituídas na tradição muçulmana, observamos que outras formas de experienciar os ritos acontecem.

O interessante é que, na memória, na doutrina, nos ensinamentos, na presença das celebrações religiosas, por mais que se formalize a aplicabilidade dos

ritos da prática do Ramadan, a individualidade e a subjetividade faz com que cada pessoa ou agente religioso incorpore sua forma de lidar com a prática do rito, mesmo que, para isso, justifique de alguma forma que está cumprindo os preceitos exigidos.

Para pensar sobre a questão do Ramadan se faz relevante chamar a atenção para o rito antes da pandemia e posteriormente à pandemia. Pois, não existe qualquer dúvida a partir da pesquisa que o Covid 19 influenciou diretamente a vivência dos muçulmanos nas suas práticas de fé na mesquita, pois, com as restrições, o espaço ficou fechado em alguns momentos e em outros teve a redução de pessoas, fazendo com que muitas pessoas por conta dessas questões deixassem de ir à mesquita.

Notadamente se tem conhecimento que mesmo com as características próprias de cada muçulmano ou cada mesquita com relação às suas práticas de comunhão no Ramadan, situação que é vista em Campo Grande, pude perceber que a situação da pandemia enfatizou essa situação, fazendo com que os muçulmanos evitassem o máximo o contato com outras famílias e conseqüentemente da partilha tanto de rezar juntos como de se alimentarem juntos no fim do jejum diário.

Considerações finais

Vivenciar o rito do Ramadan foi um grande desafio para se entender e a realidade da cultura religiosa muçulmana no Brasil, por suas características próprias e por conta do distanciamento que possuímos dos pressupostos estabelecidos sobre o Islã, com isso, um dos desafios na pesquisa, me desnudar de preceitos e, assim, ir incorporando a cada momento da pesquisa desafios e aprendizados sobre os muçulmanos, que foram me aproximando da realidade dessas pessoas e me fazendo perceber que ainda sabemos muito pouco sobre a fé muçulmana.

Desta forma o argumento que dá sustentação ao artigo a partir da pesquisa de campo que realizei e que deve ser melhor explorado e pesquisado na minha opinião, em outras pesquisas, na área da antropologia da religião, sobre o Islã, principalmente acerca do Ramadan. Mesmo diante das limitações encontradas na pesquisa, destaco como ponto importante para se discutir o Ramadan é que a memória coletiva fortalece a prática do rito, ou seja, os muçulmanos desde que tem consciência da sua fé ou mesmo os que nascem na fé muçulmana vivenciam o Ramadan tanto na mesquita como pelos seus familiares, desta forma a memória vai se instituindo ao longo da caminhada da fé, mas é na mesquita que o rito toma proporção de uma forma que a memória a partir da prática do rito a partir do momento em que todos estão reunidos durante o Ramadan vai fortalecer o indivíduo na sua prática de fé.

A ideia de comunidade a partir do rito, se colocam em liminaridade quando participam do período do Ramandan, pois suspendem os papéis sociais, nesse período, reconfigurando o papel de *communitas* na comunidade religiosa, como chama atenção Vitor Turner (2013), com o estabelecimento das regras e a exigência do rito pelas famílias, pelos membros, da mesquita, vão fortalecendo a prática do rito e isso pode ser notado no ápice da cerimônia do Ramadan, que acontece na festa da quebra do jejum ou na celebração do Ramadan na mesquita quando todos e todas partilham a alimentação e a fé.

A partir das análises feitas com a pesquisa, seguem algumas possíveis hipóteses, sobre o rito do Ramandan praticado e vivenciado pelos muçulmanos na mesquita de Campo Grande. A primeira questão é que os muçulmanos fazem suas relações religiosas sustentadas pela transmissão social da memória, desta forma,

me parece um rito que se estrutura com o Ramadan em uma dimensão simbólica e que sustenta a ideologia religiosa dos cinco pilares islâmicos, fazendo com que a própria mesquita se organize e se mantenha. Pois, em conversa com os interlocutores, a Mesquita de Campo Grande é uma comunidade pequena que se organiza com poucos membros que se vinculam à perspectiva religiosa através da memória, da tradição e da identidade alicerçados pelo ato do Ramadan.

O Ramadan é um rito individualizado e subjetivo que liga o agente religioso ao sagrado a partir das suas experiências e práticas do rito, com isso, mesmo que o Ramadan se estabeleça como um rito dogmático e rígido, na prática tem dimensão de flexibilidade e reinterpretação, sendo entendido como um começo, como salienta Marc Augé (2014), que tem um recomeço individual e o interessante é que mesmo que o agente religioso não cumpra esse dogmatismo ele incorpora esse recomeço buscando novos caminhos para prática do rito, mas para isso, sempre tenta de alguma forma se justificar quando o padrão do rito é reinterpretado para que assim não sinta que executou um desvio do rito.

E por fim não podemos negar que a pandemia de Covid 19 impactou o entendimento de algumas questões na interpretação e entendimento dos dados colhidos sobre a prática do Ramadan na mesquita de Campo Grande a partir dos muçulmanos que ali frequentam. Mesmo que o Ramadan na mesquita possua características próprias não podemos negligenciar que existe uma individualidade na prática do rito e isso não se dá apenas por conta do período em que estamos vivendo a pandemia. Mas de forma geral isso não impediu que a comunidade religiosa não praticasse o rito do Ramadan ou que não o incorporem esse rito nas suas vidas cotidianas nesse período específico. Mas o desafio é observar esse evento do Ramadan em um momento posterior sem pandemia para podermos confrontar os dados da pesquisa e verificarmos se a prática se estabelece

*Recebido em 20 de novembro 2022.
Aprovado em 30 de abril de 2023.*

Referências

- ALGHAFI, Z.; HATCH, T.G.; ROSE, A.H.; ABO-ZENA, M.M.; MARKS, L.D. A. Qualitative Study of Ramadan: *A Month of Fasting, Family, and Faith*. In: *Religions* 2019, 10, 123; doi:10.3390/rel10020123.
- ASAD, Talal. The Idea of An Anthropology Of Islam. *Center For Contemporary Arab Studies*, março, 1986.
- AUGÉ, Marc. *El antropólogo y el mundo global*. Buenos Aires; Siglo Veintiuno Editores, 2014.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2012.
- BAKER, O. Joseph. The variety of religion experiences. *Review Of Religious Research*, 51 (1): 39-54, 2009.
- BARBOSA, Francirosy Campos. Como viver o mês do Ramadan em tempo de isolamento social? *Dom Total*, 2 de maio de 2020. (revista digital)
- BELL, Catherine. *Ritual Perspectives and Dimensions*. Nova York: Oxford University Press, 1997.
- CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2018.
- ELLER, Jack David. *Introdução à antropologia da religião*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HERVIEU-LÉRGER, Danièle. Catolicismo – A Configuração da Memória. *Rever*, 5 (2), 2005.
- HERVIEU-LÉRGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, Vozes, 2008.
- ILAEI - Instituto Latino-Americano de Estudos Islâmicos. *O mês do Ramadhan*. Disponível em: < https://ilaei.com/site/o_islam_pt/ >. Acessado em 30 de setembro de 2020.
- LUCKMANN, Thomas. *A religião invisível*. São Paulo: Olho d'Água/Loyola, 2014.
- MEDINA, Arely. *Islam. Diccionario de religiones en América Latina*. Roberto Pimentel Blancarte. México: FCE, El Colegio de México, 2018.
- PACE, Enzo. *Sociologia do Islã: fenômenos religiosos e lógicas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PINTO, P. G. H. da R. Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas no Brasil. *Revista USP*, 67: 228-249, 2005.
- PINTO, P. G. H. da R. *Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica*. Aparecida do Norte: Ed. Aparecida, 2010.
- TAMBIAH, Stanley J. *A Performative Approach to Ritual*. Londres: The British Academy – Oxford University Press.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura*. São Paulo: Vozes, 2013.

TURNER, Victor. *Dramas, Campos e Metáforas: Ação simbólica na sociedade humana*. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

TURNER, Victor. *Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu*. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

TURNER, Victor. *The Drums of Affliction: A Study of Religious Processes among the Ndembu of Zambia*. Londres: Hutchinson University Library for Africa, 1981.

ZARABOZO, Jamaal, al-Din. *Manual para o novo muçulmano*. Trad. Regina Márcia Oliveira de Faria. Brasil, 2011.